O SUJEITO POLICIAL PROERD: UMA SUBJETIVIDADE INFAME EM PRÁTICAS EDUCACIONAIS NA FRONTEIRA ENTRE PONTA PORÃ (BRASIL) E PEDRO JUAN CABALLERO (PARAGUAI)

Dieny Graciely Souto de Souza Melo*

Pedro Navarro**

RESUMO: As reflexões realizadas neste artigo centram-se em aspectos do exercício do poder-saber sobre os sujeitos que ocupam a posição de policiais militares instrutores do Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD), na região fronteira de Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai). Mais especificamente, a análise discursiva empreendida recai sobre um conjunto bem restrito de enunciados que emerge de uma matéria do jornal *Crônica*, periódico paraguaio de circulação local, em comparação ao jornal online brasileiro *Campo Grande News* com a mesma temática. Refletir sobre a posição sujeito desses instrutores do Proerd implica, necessariamente, analisar o funcionamento de um discurso que é produzido em um processo de integração em sala de aula e encontra-se na confluência linguística entre a língua portuguesa, o espanhol e o guarani. Os termos conceituais poder-saber, objetivação/subjetivação, heterotopia, dispositivo securitário/neoliberal e dispersão do sujeito (infame, humanitário e resiliente), pertencentes ao campo teórico dos Estudos Discursivos Foucaultianos, são mobilizados para as análises pretendidas. Os efeitos de poder-saber vinculados aos enunciados sob investigação dão visibilidade, nas práticas desses sujeitos policiais militares instrutores, à contradições produzidas nas/práticas regidas por uma biopolítica dos corpos, a qual tende a refletir verdades acerca de tais sujeitos, na situação social em que se encontram instalados no contexto atual.

RESUMEN: Las reflexiones realizadas en este artículo se centran en aspectos del ejercicio del poder-saber sobre los sujetos que ocupan el cargo de instructores de la policía militar del Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD), en la región fronteriza de Ponta Porã (Brasil) y Pedro Juan Caballero (Paraguay). Más específicamente, el análisis discursivo realizado se basa en un conjunto muy estrecho de enunciados que emerge de un artículo en el periódico *Crónica*, una revista de circulación local paraguaya, en comparación con el periódico en línea brasileño *Campo Grande News* con el mismo tema. Reflexionar sobre la posición de la asignatura de estos instructores de Proerd implica necesariamente analizar el funcionamiento de un discurso que se produce en un proceso de integración en el aula y que está en la confluencia lingüística entre portugués, español y guaraní. Los términos conceptuales poder-saber, objetivación/subjetivación, heterotopía, dispositivo de seguridad/neoliberal y dispersión del sujeto (infame, humanitario y resiliente), pertenecientes al campo teórico de los Estudios Discursivos Foucaultianos, se movilizan para los análisis previstos. Los efectos del poder-saber vinculados a los enunciados investigados dan visibilidad, en las prácticas de estos instructores sujetos de la policía militar, a las contradicciones producidas en/por las prácticas regidas por una biopolítica de los cuerpos, que tiende a reflejar verdades sobre estos sujetos, en la situación social en la que se instalan en el contexto actual.

PALAVRAS-CHAVE: poder-saber; sujeito Policial; PROERD

PALABRAS-CLAVE: poder-saber; sujeto Policial; PROERD

INTRODUÇÃO

Analisar como os efeitos de poder se relacionam de modo a produzir saberes acerca dos policiais militares que atuam como instrutores do Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD), na região fronteira dos municípios de Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai), permite-nos compreender como os discursos constituem tais sujeitos, levando-se em conta o fato de atuarem em espaço fronteiriço. Considerar essa realidade é um primeiro aspecto no que tange aos sujeitos e aos discursos que produzem efeitos sobre a subjetividade policial militar instrutor.

Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, na qualidade de cidades-gêmeas de uma região complexa de fronteira seca, apresentam entre suas particularidades um hibridismo que está em constante (des)construção. Por seu contexto sociocultural étnico e linguístico refletir tantas diferenças, inevitavelmente, muitas vezes, essa área se torna um espaço de conflitos, o qual repercute no modo como os discursos e os sujeitos são constituídos.

Nessa ótica, examinar o funcionamento do discurso sobre os policiais militares dessa região implica, necessariamente, ter em conta que se trata de uma prática discursiva que se manifesta em um processo de integração em sala de aula. Resulta disso que esses policiais fardados tendem a ser representados/e se representarem por saberes outros, diferentemente dos cristalizados historicamente.

Isso já configura o caráter de acontecimentos dessa subjetividade, o que nos leva a identificar, na e pela linguagem, discursos determinados pela posição sujeito desses policiais militares. Discursos esses que obedecem à certa ordem normalizadora, identificam e caracterizam o que um policial é, faz ou deve dizer. No entanto, a partir de práticas discursivas diferentes dessa pré-identificação, as crianças que participam do Proerd passam a assimilar e a enunciar em seus discursos outros saberes que contrastam a mudança de posição desses policiais, tendo em vista a atuação deles como instrutores do referido programa.

Isso posto, a análise discursiva aqui formulada assenta-se sobre princípios e procedimentos teóricos, em desenvolvimento pelo campo dos Estudos Discursivos Foucaultianos (NAVARRO, 2020), em especial, busca respaldo nos seguintes termos conceituais: saber-poder, objetivação/subjetivação, heterotopia, dispositivo securitário/neoliberal e dispersão do sujeito (infame, humanitário e resiliente). Interrogamos, a partir desse escopo, se a circulação de discursos a respeito desses instrutores coloca em coexistência outros saberes, de modo que o sujeito da língua infame no discurso midiático da fronteira Ponta Porã (Brasil) x Pedro Juan Caballero (Paraguai) seja uma das formas de objetivar/subjetivar esses policiais. Em se tratando do idioma praticado nessa fronteira, também se verifica, na produção discursiva em tela, um movimento de exclusão de enunciados que configuram a língua local, como se esta fosse uma língua infame, pelo fato de ser constituída da mistura da língua portuguesa com a espanhola e com o guarani.

1 O SUJEITO POLICIAL PROERD: UMA SUBJETIVIDADE NO ENTREMEIO DA ORDEM DISCURSIVA, DA HETEROTOPIA E DA INFÂMIA

Já em “A ordem do discurso”, Foucault (2006) apresenta a existência de um dispositivo que rege maneiras como o discurso sobre algo ou alguém deve ou não ser dito. Assim, as instituições são responsáveis por delimitarem o lugar do discurso; este sempre seria, portanto, vigiado, imposto e, por isso, estabeleceria verdades, em determinadas épocas e lugares. Compreendendo, então, a produção do discurso sob as égides das relações de poder, Foucault anuncia que “o discurso está na ordem das leis; que sempre vigiamos o seu aparecimento” (FOUCAULT, 2006, p. 2).

Nessa perspectiva, o que se enuncia a respeito de um policial militar, instrutor do Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD)¹, também se encontra em uma ordem do discurso. Representam-se, assim, termos empregados em obediência a procedimentos regrados tanto por um dispositivo securitário, de ordem neoliberal, quanto humanitário, os quais possibilitam a (re)produção de saberes característicos desse território geográfico-cultural, de acordo com o local em que os discursos estejam inscritos.

Tais procedimentos de controle e de circulação dos discursos são responsáveis pela produção de saberes a respeito do que se enuncia. Contudo, ao se realizar uma análise arqueogenealógica dos discursos, a partir da concepção de história geral (FOUCAULT, 2006), é possível observar o funcionamento desses saberes, questionar as verdades que sustentam, e isso pode ser um caminho para se observar, na fratura do discurso, outros fatos singulares e, muitas vezes, distintos da verdade instituída como a expressão exata do que os homens pensam e de como as coisas devem ser.

Sob esse viés, a verdade produzida no e pelo discurso estaria funcionando como um mecanismo de controle que separa os discursos que estão na ordem do verdadeiro de uma época de outros que não se encontram nessa condição. Além dessa perspectiva que aborda os discursos impostos em uma ordem, outro aspecto que pode iluminar as análises tem a ver com a necessidade de olharmos para a situação no qual se encontram os sujeitos e os enunciados pela lente da heterotopia.

Sobre esse conceito, Foucault (2013) assim elucida:

[...] acredito que há, um lugar que podemos situar no mapa; utopias que têm um tempo determinado, um tempo que podemos fixar e medir conforme o calendário todos os dias. É bem provável que cada grupo humano, qualquer que seja, demarque, no espaço que ocupa, onde realmente vive, onde trabalha,

¹ O Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD) é um programa de prevenção primária desenvolvido pela Polícia Militar no Brasil, desde 1992, a partir do modelo criado nos Estados Unidos em 1983, o *Drug Abuse Resistance Education* (DARE). Suas aulas são voltadas, especialmente, para alunos do 5º Ano Ensino Fundamental, porém existem currículos que atendem a Educação Infantil, 7º Ano do Ensino Fundamental e Proerd Pais, com o intuito de prevenir o uso e abuso de drogas (lícitas e/ou ilícitas) bem como a violência.

INTERLETRAS, ISSN N° 1807-1597. V. 9, Edição número 34. Outubro, 2021/ Março de 2022- p

lugares utópicos, e, no tempo em que se agita, momentos ucrônicos.
(FOUCAULT, 2013, p. 19)

Quando Foucault aborda sobre um lugar pré-estabelecido, em que se vive e se estabelecem hábitos, rotinas em determinados espaços, ele deixa claro que nenhum desses espaços pode ser “neutro e branco” (FOUCAULT, 2013, p. 19), eles são carregados de si e de outros, demarcando, assim, sentidos e aspectos que se distinguem de outros lugares e os singularizam. A partir dessa perspectiva, analisar os discursos produzidos na referida região reclama vislumbrar a circulação de tais discursos em espaços de “heterotopias de desvio”, isto é, “lugares que a sociedade dispõe em suas margens, nas paragens vazias que a rodeiam, são antes reservados aos indivíduos cujo comportamento é desviante relativamente à média ou à norma exigida” (FOUCAULT, 2013, p. 22). Assim são essas regiões que apresentam uma série de questões complexas, por se tratar de uma extensa faixa de fronteira seca com suas conturbações, similaridades em contraste com suas diferenças e disparidades sociais, étnicas, políticas e culturais.

Considerando-se o exposto, a análise do sujeito policial militar instrutor não pode passar ao largo das complexidades que significam o lugar de atuação desse indivíduo como sujeito do PROERD, nessa região assim descrita e singularizada por essa lente discursiva. O acontecimento a que, há pouco, fizemos menção parece, agora, ganhar corpo, se considerarmos que os discursos circulantes nesse espaço produzem saberes acerca desse policial, cuja atuação se dá em sala de aula e em uma região heterotópica. Somos, assim, impelidos a formular a seguinte interrogação arqueogenealógica: Quem é esse sujeito produzido no interior de práticas dominantes na fronteira (discursiva e física) Ponta Porã (Brasil) x Pedro Juan Caballero (Paraguai)?

Empreender uma análise discursiva sobre o que se diz a respeito desse sujeito, em um jornal paraguaio de circulação local, é também investigar, nos discursos midiáticos, fatos que acabam deixando rastros que iluminam o sujeito enunciado nesse espaço discursivo. Se compreendêssemos esse sujeito por suas “Vidas singulares” (FOUCAULT, 2003, p. 1), destacando o modo pelo qual Foucault caracteriza os sujeitos infames, a analogia estaria não no fato de esses sujeitos ocuparem uma posição de autoridade no discurso, o que, talvez, poderia não os identificar como infames, mas por representarem e serem representados como sujeitos que não atendem à determinada convenção, habitantes reais de um lugar heterotópico: a fronteira, a periferia.

A partir dessa conjuntura, em uma tentativa de identificar o funcionamento do poder sobre os corpos, as análises a seguir dão visibilidade a enunciados que, apesar de tratarem e objetivarem o sujeito previamente descrito, colocam em movimento um jogo de poder que tenta excluir elementos constituintes da língua infame, esta que, como já especificado, surge do entrecruzamento da língua portuguesa, com a espanhola e com o guarani.

2 A FRONTEIRA E O POLICIAL DO PROERD: UMA BREVE ANÁLISE DOS SABERES QUE IDENTIFICAM E RECONFIGURAM O SUJEITO INFAME

Iniciamos, esta seção, com as palavras de Albuquerque, para quem a questão linguística funciona como importante elemento de separação e de segregação:

As disputas entre camponeses e plantadores de soja se transformam, muitas vezes, num confronto nacionalista. **Os sentimentos nacionalistas em relação ao território e à língua guarani e os ressentimentos do período da Guerra da Triplíce Aliança (1865-1870) afloram nos discursos dos camponeses paraguaios.** Os brasileiros são acusados de "invasores", "novos bandeirantes", "herança de Stroessner", etc. Por sua vez, os imigrantes brasileiros assumem também uma postura nacionalista e destacam sua superioridade tecnológica e cultural. Eles se auto definem como "trabalhadores", "pioneiros" e pertencentes a um país mais desenvolvido. (ALBUQUERQUE, 2009, p. 148, grifo nosso)

Tendo em vista que os discursos circulantes na região fronteira se mesclam na mesma medida em que seus habitantes (brasileiros, paraguaios, indígenas e visitantes de outras nacionalidades) interagem, similarmente, este resultado ganha visibilidade na linguagem. Assim, o falar nesse território, na presença majoritária de três línguas, tende a diluir saberes e práticas que fazem passar pelo fio da linguagem aquilo o mais cotidiano possível.

Para fins metodológicos, foram selecionados dois textos de caráter noticioso, que são chamados de sequência enunciativa, visto que participam de um conjunto maior de discursos que tratam da temática aqui abordada. São vistos como sequências enunciativas dado o fato de serem enunciados efetivamente ditos, assumidos por um sujeito discursivo em condições de produção específicas, tais como as que foram detalhadas anteriormente.

Nesse viés, expomos a sequência enunciativa A, retirada do jornal *Crónica*². Ela apresenta um teor inusitado, ao enunciar a língua falada em sua escrita: o chamado “brasiguauio” – a língua infame? A reportagem escrita em espanhol com citações em guarani, datada de maio de 2018, trata de um policial militar, instrutor do Proerd, que ministra aulas no idioma guarani. Acompanha o texto verbal a imagem do policial militar fardado enquanto fala aos alunos na sala de aula. Os estudantes estão dispostos em fileiras, todos uniformizados. Na parte inferior da imagem, há uma legenda com os seguintes dizeres: “VY’ÁPE. Los ni’ños de la parcialidade guaraní kaiowa ovy’apa al escuchar la charla en guaraní. CAPTURA DE IMAGEN”.

Sequência Enunciativa A (Crónica): Manchete: Miliquino rapai oñe’ê en guaraní a los niños. **Título auxiliar:** Destacado: El uniformado es hijo de madre paraguay y fue premiado por su gesto. **Trecho do editorial:** El cabo de Policía Militar rapai Cristian David Colmán Lima, hijo de madre paraguay y padre brasuca, se destaca en Mato Grosso do Sul de rapailandia por dar clases en guaraní a los niños de un centro de estudios de indígenas. Un video filmado en la escuela municipal indígena Arandu Renda Guaraní Kaiowa, se lo ve al cabo Colmán cuando entra al salón de clases y saluda en nuestro dulce idioma guaraní. “¿Mba’êichapa peneko’ê?”, he’i y los niños le contestan al unísono “¡¡¡iporãaaa!!!”. Después de presentarse les comenta en qué va a consistir la

² Disponível em: <http://www.cronica.com.py/2018/05/11/miliquino-rapai-onee-guarani-los-ninos/>
INTERLETRAS, ISSN N° 1807-1597. V. 9, Edição número 34. Outubro, 2021/ Março de 2022- p

clase, “ñande ñaño’êta umi porquería que ndo japói mba’eve porã la ñande salúre, ñaño’êta macoñare, guaripólare umía”, he’i en perfecto guaraní. El milico es parte de un programa de prevención contra las drogas y para facilitar la comunicación con las comunidades indígenas de raíces guaraníicas, desarrolla su clase en guaraní entremezclado con el portugués. La charla se desarrolló en un marco de pleno entendimiento y alegría ya que los niños se prestaban a responder con energía voi a las preguntas del miliquiño, quien nació en la ciudad de Ponta Porã, en la frontera con nuestro país.

Caso interpretássemos o brasiguaiio apenas como uma língua resultante da mistura da língua portuguesa com a espanhola, certo estranhamento e não compreensão do que se enuncia na matéria, desde seu título, saltariam aos olhos do leitor. No entanto, antes de buscar esclarecer tal impasse, é necessário lembrar que os discursos midiáticos exercem um poder capaz de produzir verdades sobre os objetos tratados. Nesse sentido, o enunciado recortado para análise deve ser compreendido como elemento intrínseco do discurso, o qual é “simultaneamente controlado, selecionado, organizado e redistribuído por um certo número de procedimentos que têm por papel exorcizar-lhe os poderes e os perigos” (FOUCAULT, 2006, 2).

Com efeito, se perguntássemos: O que são os enunciados para as instituições que exercem o poder? A afirmação de Foucault seria a resposta para tal indagação. Assim sendo, nos enunciados que compõem o discurso midiático sob análise, o título “Miliquiño rapai oñe’e en guarani a los niños” é um discurso previamente controlado e selecionado para produzir certos saberes a respeito do que esse policial do Proerd estaria (poderia significar) significando. Há a objetivação do sujeito, sob uma governamentalidade estatal fronteiriça, responsável por regular os discursos que constroem os saberes que ditam o que as populações da fronteira são, o que veremos em outra análise no próximo subitem.

Retomando o viés abordado, voltamos ao impasse da fusão de línguas utilizada nessa matéria. Por se tratar de um veículo informacional específico da região fronteiriça citada, o discurso de valorização de determinada língua sobrepõe-se às línguas portuguesa e espanhola. Como uma prática corriqueira, o falar em guarani *mezclado* com o idioma português e o espanhol não só representa características da comunicação local, como também, por uma repetição de discursos estereotipados, cria um efeito de verdade.

Ao que tudo indica, nesse cenário enunciativo, o policial do Proerd, sujeito (da língua) infame, é significado por práticas discursivas, regidas tanto pelo dispositivo policial, estatal, quanto pelo dispositivo educacional, as quais resultam de um efeito de complexas relações de poder estabelecidas no âmbito do corpo social. Pode-se indicar que a imagem discursiva desse sujeito é utilizada como um mecanismo de poder que projeta feixes de luz aos falantes da língua guarani, isto é, os poucos habitantes que se utilizam de uma língua indígena.

O título dado à matéria “Miliquiño rapai oñe’e en guarani a los niños”³ pode ser lido em português brasileiro como “Militarzinho brasileiro fala em guarani para as crianças (alunos)”. Vale destacar que poderíamos chamar de uma contradição semântica interna entre esse título e o assunto da matéria. A sequência enunciativa aborda as benfeitorias do policial instrutor da região, tratado como alguém especial, sobretudo, por se fazer referência a alguém que fala guarani, o idioma dos alunos em destaque. Em contraste, a sua erudição por falar “*en perfecto guaraní*” (linha 14) rememora um discurso que dá voz ao sujeito infame, ou seja, aquele designado como brasiguaiio, regido por saberes instituídos sobre como um “verdadeiro” brasiguaiio deve falar ou ser.

Nos discursos que circulam como “verdadeiros”, a respeito dos brasileiros na fronteira, os estudos de Albuquerque (2009) tratam das relações entre os “brasiguaios” e a população paraguaia. Para o sociólogo, surgem novas diferenças sociais e de hibridismos culturais complexos, sendo os brasileiros objetivados como “invasores”, “novos bandeirantes” (ALBUQUERQUE, 2009, p. 148) pelos paraguaios, habitantes da fronteira. De acordo com essa verdade, os brasiguaios representariam sujeitos infames, malquistos nessa faixa territorial.

Contudo, diferentemente dessa verdade sobre o sujeito brasiguaiio, outra posição de sujeito emerge discursivamente, qual seja: a do policial militar do Proerd. A partir do encontro do poder com um efeito de luz que dá visibilidade ao sujeito fronteiriço, o que se enuncia sobre ele o tira do anonimato e o exalta. Sob essa consideração, compreender a língua guarani como uma língua infame, por não atender a certas convenções, seria compreendê-la como um problema, em um contexto social, político e cultural capaz de produzir um saber, cujas práticas pudessem ser regulamentadas por um dispositivo humanitário, neste caso, o dispositivo policial.

Seguindo nessa compreensão, o fato de o sujeito policial estar em uma posição de autoridade e em um lugar heterotópico, contribui para delinear sua objetivação de “Militarzinho brasileiro”: um sujeito querido que, desde pequeno, vivenciara a realidade fronteiriça. Tal atribuição é reforçada nos excertos enunciativos “*el [...] es hijo de madre paraguaya y padre brasuca*” (linhas 1-5) “*del miliquiño quien nació en la ciudad de Ponta Porã, en la frontera con nuestro país*” (linhas 20-21). Nesta sequência enunciativa, observa-se uma (re)afirmação do indivíduo brasiguaiio que o caracteriza, fixando “uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele.” (FOUCAULT, 1995, p. 235).

Nesse sentido, a repetição da origem desse policial que dá aulas em guarani cria efeitos de destaque para esse sujeito. Apesar da atitude mesma de falar na (própria) língua dos demais sujeitos fronteiriços que não se encontram na mesma posição, o discurso maternal, circunscrito nessa matéria jornalística, estaria objetivando esse sujeito como um militar

³ Faz-se importante salientar que a busca pela expressão “Miliquiño” no site de pesquisa Google, considerando-o como um local de inscrição dos discursos, não resultou em nenhuma atribuição de significado ou de localização em algum dicionário online, nem mesmo de expressões na língua indígena guarani. Para, então, chegar-se ao significado de “Militarzinho brasileiro”, foi necessário consultar habitantes da região, logrando-se êxito somente após várias consultas realizadas.
INTERLETRAS, ISSN N° 1807-1597. V. 9, Edição número 34. Outubro, 2021/ Março de 2022- p

destacado. O modo como esse policial é retratado o relaciona como filho da região fronteira, tornando possível que sua singularidade, talvez, escapasse aos possíveis sentidos pejorativos da denominação “militarzinho”. Nessa compreensão, ser filho de uma mãe fronteira, isto é, um brasiguai, poderia configura a irrupção de um acontecimento discursivo que impulsiona a emergência de saberes outros a respeito dos sujeitos que ali habitam e sobre esse local heterotópico.

Passemos para a próxima sequência enunciativa, retirada do jornal online brasileiro Campo Grande News, em que a matéria⁴ também é registrada em maio de 2018. O referencial discursivo é o mesmo: o policial militar do Proerd, na condição de sujeito dessa região fronteira.

2.1 A FRONTEIRA E A SUBJETIVAÇÃO DO POLICIAL PROERD: SOB O OLHAR MIDIÁTICO “DO OUTRO LADO” FRONTEIRIÇO

Sequência Enunciativa B (Campo Grande News): A imagem que acompanha o texto verbal compõe-se de uma foto que ilustra uma sala de aula, onde estudantes estão com uniformes de cor laranja e mangas verdes, todos sentados e enfileirados. Muitos desses alunos estão sorrindo e fazendo sinal de positivo com suas mãos levantadas. Tal qual está um policial militar fardado, no meio do corredor da sala, olhando para frente, sorrindo e fazendo a mesma sinalização de positivo com suas mãos. A legenda da foto diz: Turma da aldeia Guasuti, no município de Aral Moreira. **Manchete:** Em sala de aula, policial faz a diferença conversando com as crianças em guarani. **Subtítulo:** “Minha mãe é paraguaia e meu pai brasileiro, sempre tivemos o guarani, espanhol e português como línguas dentro de casa, e me orgulho disso”, justifica. **Trecho do editorial:** Para o policial militar Cristian David Colman Lima, de 38 anos, ter um mundo mais fraterno começa por uma atitude. Ao entrar em escolas indígenas de Mato Grosso do Sul, apesar da turma saber o português, ele não tira o direito da meninada de falar em guarani, pelo contrário. Para valorizar a cultura, passou a falar com os alunos na língua indígena.

Nessa sequência enunciativa, as semelhanças com a análise anterior permeiam no fato de o policial militar do Proerd ser rotulado como alguém que “faz a diferença” (título da matéria), devido a conversar com os alunos em sua língua materna. Novamente, a convergência entre o poder-saber a respeito de como esse policial ministra (fala em) suas aulas produz um efeito de luz capaz de dar visibilidade ao sujeito fronteiriço e à língua que fala. Ambos são exaltados.

Seguindo essa compreensão, a língua guarani não pode ser vista, somente, como uma língua infame, já que o próprio texto enuncia que o policial “não tira o direito da meninada em falar o guarani” (linha 03). Aqui, é possível identificar um sujeito que é objetivado como alguém que usufruir do direito de se expressar na língua materna dessa região fronteira, como também há a subjetivação do policial que se orgulha de tal fato.

⁴ Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/em-sala-de-aula-policial-faz-a-diferenca-conversando-com-as-criancas-em-guarani>
INTERLETRAS, ISSN N° 1807-1597. V. 9, Edição número 34. Outubro, 2021/ Março de 2022- p

Nesse contexto, verificam-se práticas regulamentadas por um dispositivo securitário, inserido em um dispositivo maior: o neoliberal. Dando continuidade à esta investigação acerca do exercício do poder sobre os corpos, a análise nos conduz a identificar discursos que são atravessados pela dispersão do sujeito infame – o policial que reside e vive suas práticas discursivas num lugar-heterotópico –, pelo sujeito humanitário – o qual tem suas práticas regidas por mecanismos humanitários que o subjetivam – e pelo sujeito resiliente, aquele que se auto-organiza de modo a adequar suas práticas para superar a problemática existente, no caso *in loco*, dessa região heterotópica.

Em algum grau, esse sujeito fronteiro é, na dispersão discursiva que o constitui, um sujeito que adquire visibilidade para si, para sua língua e cultura por meio das práticas discursivas do sujeito policial militar do Proerd. Nessa perspectiva, suas práticas humanitárias adotadas em sala de aula, por meio do procedimento de falar e de valorizar a língua materna, originária dessa confluência brasileira-paraguaia, isto é, em região de heterotopias de desvio (FOUCAULT, 2013), não retomam apenas uma cultura, mas instituem um procedimento da vontade de verdade, uma vez que os saberes construídos a respeito desse sujeito são modificados: transforma-se um saber que circulava de forma negativa, passando-se a criar efeitos de verdade opostos aos saberes anteriores.

Pode-se ver, portanto, o funcionamento do poder de forma produtiva, uma vez que suas práticas humanitárias e de valor (positivo) tanto o objetivam quanto o subjetivam. Com efeito, dá-se visibilidade às qualidades existentes tanto desse sujeito policial que vivencia as heterotopias de desvio dessa fronteira quanto do próprio lugar. A emergência dessa subjetividade, nos termos aqui definidos, isto é, policial fronteiro e falante de uma língua infame, assim como das práticas discursivas que têm existência em tais condições de possibilidade dão ancoragem à irrupção do acontecimento, a qual é motivada pela relação existente entre subjetividade, língua e espaço de enunciação. Trata-se, pois, de um acontecimento nessa ordem do discurso, que se traduz em uma descontinuidade na história do que se esperaria de um policial dessa região.

A partir dessas reflexões, e para que pudéssemos comprovar que tais práticas regulamentadas por um dispositivo securitário estariam inseridas em um dispositivo maior, como dito anteriormente, poderíamos interrogar se estas práticas seriam de desobediência (GROS, 2018) ou obediência às condutas regidas pelo dispositivo securitário. Certamente, por meio das análises das sequências enunciativas que se fazem, seria possível chegarmos à compreensão de que, apesar de serem diferentes dos saberes existentes sobre um policial dessa região, essas práticas configuram obediência a outro dispositivo: o neoliberal.

É justamente nesse ponto que esse policial é conduzido a constituir-se como sujeito resiliente, àquele regido pelo dispositivo securitário, funcionando no interior do dispositivo neoliberal, uma vez que, ao se subjetivar como defensor da língua guarani, aquele que sempre fez questão de manter a prática da língua até mesmo em sua casa, esse sujeito resiliente, empreendedor de si (não solidário e em competição permanente contra os discursos que retomam a região e a língua de fronteira de forma pejorativa) está visível

INTERLETRAS, ISSN N° 1807-1597. V. 9, Edição número 34. Outubro, 2021/ Março de 2022- p

Dossiê: **Educação, infância, diversidade e ensino de língua em contexto complexo.**

no próprio funcionamento da linguagem. Quando esse policial é objetivado como, por exemplo, aquele que “vai em busca de um mundo mais fraterno por meio de uma atitude” (linha 14), há o reforço nos discursos em busca pela paz, de forma resiliente.

Nesse sentido, a atuação desse policial pautada por uma resiliência estaria funcionando “como instrumento eficiente na disseminação de uma certa conduta dos indivíduos atrelada ao governo do ambiente, extrapolando uma relação apenas de contenção e gestão de riscos de desastres ambientais.” (AUGUSTO; WILKE, 2019, p. 234). Com efeito, o funcionamento produtivo do poder, nesse acontecimento, possibilita a visibilidade e a voz dada para sujeitos infames, compreendidos, em alguma medida, na mudança de posição do sujeito policial fronteiriço para o sujeito policial militar do Proerd.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa proposta de análise, não se esgotam as possibilidades de leitura, muito menos se elucida a compreensão sobre o porquê de tais enunciados serem utilizados em detrimentos de outros. De fato, as reflexões apresentadas procuraram, brevemente, demonstrar como o poder, funcionando para dar visibilidade a sujeitos infames, estaria mudando os modos de objetivação/subjetivação do sujeito policial do Proerd, em uma região de fronteira.

Análises em maior extensão poderão verificar as relações de poder existentes, procurando identificar como essas relações se dão nas singularidades das práticas complexas da fronteira, vista como lugar heterotópico.

Em resposta à indagação feita na introdução, num gesto de enxergar o poder tendo um efeito e um funcionamento sobre os corpos, os recortes do arquivo analisado podem nos conduzir a identificar discursos que são atravessados pela dispersão do sujeito resiliente quanto por supostas práticas humanitárias que o subjetivam. Produz-se, por isso, conceitos de verdade sustentados por um dispositivo de poder, dadas as condições que possibilitam falar sobre o sujeito policial militar em uma dada época, estando inserido em região de heterotopias de desvio. (FOUCAULT, 2013)

No entanto, é possível notar saberes que se distinguem e acabam por (re)criar efeitos de verdade outros, nesse espaço territorial e discursivo. Desse modo, o sujeito (da língua) infame, o policial instrutor do Proerd, no discurso midiático da fronteira Ponta Porã (Brasil) x Pedro Juan Caballero (Paraguai) apresenta-se, de fato, como uma das formas de objetivação/subjetivação desses policiais. Com efeito, o idioma praticado nessa fronteira, muitas vezes silenciado como uma língua infame, ganha visibilidade nesse campo enunciativo.

Estes enunciados discursivizados, funcionando como verdades de uma época, tendem, por isso, a migrar características próprias dessa região fronteiriça no processo de objetivação e subjetivação, que antecede à constituição desses policiais, em sua posição sujeito.

Logo, em se tratando da dispersão do sujeito que determina as posições desse policial militar nessa região fronteiriça, há que se considerar que a posição sujeito humanitário e resiliente, assim como tratado por Zebrowski (apud AUGUSTO; WILKE, 2019, p. 236) denota serem tais práticas, por meio dos discursos sobre resiliência, “amplamente utilizados como ferramentas favoráveis à governamentalidade neoliberal”. No entanto, ao passo que os corpos são docilizados por esse mecanismo, a luz que reflete os sujeitos dessa região faz conhecer saberes outros acerca do que se enuncia sobre eles, tirando do anonimato não apenas o sujeito dessa região, como também a própria língua guarani, tratada por muitos saberes como infame.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos "brasiguaios" entre os limites nacionais. In.: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 15, n. 31, p. 137-166, jan./jun. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000100006 Acesso em: 25 jul. 2019.

AUGUSTO, Acácio; WILKE, Helena. Racionalidade neoliberal e segurança: embates entre *democracia securitária* e anarquia. In: RAGO, Margareth; PELEGRINI, Mauricio (Orgs.). **Neoliberalismo, feminismos e contracondutas**: perspectivas foucaultianas. São Paulo: Intermeios, 2019, p. 225-245.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 13 ed., São Paulo: Edições Loyola, 2006.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert. & RABINOW, Paul. **Michel Foucault**. Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

_____. **“A vida dos homens infames”**. *Ditos & Escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 203-222.

_____. **A arqueologia do saber**. Trad.: Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

_____. **O corpo utópico, as heterotopias**. Trad. Selma Tannus Muchail. São Paulo: Edições N-1, 2013.

GROS, Frédéric. **Desobedecer/Título original: Désobéir**. Trad. Célia Euvaldo; São Paulo: Ubu Editora, 2018.

Miliquiño rapai oñe’ẽ en guarani a los niños. **Jornal Crónica**. 11 May 2018. Paraguay. (versão impressa).

TORRES, Thailla. Em sala de aula, policial faz a diferença conversando com as crianças em guarani. **Campo Grande News**. 14 mai. 2018. (versão online).

* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mestra e Licenciada em Letras pelas Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), respectivamente. Integrante do Grupo de Estudos Foucaultianos (GEF-CNPq/UEM). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9906718212640331>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7389-5680>. E-mail: profadieny@gmail.com

** Doutor em Letras e Linguística pela UNESP, campus de Araraquara, SP, com estágio pós-doutoral em Linguística pela UNICAMP. Professor Associado da UEM, atuando na área de Linguística, com ênfase na Linha de Estudos do Texto e do Discurso. Integra o corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Instituição. É líder do Grupo de Estudos Foucaultianos da UEM (GEF-CNPq/UEM) e Coordenador do GT – Estudos discursivos foucaultianos, junto à ANPOLL. É pesquisador bolsista produtividade pelo CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1623525611051521>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3267-4985>. E-mail: navarro.pl@gmail.com